

BOLETIM ANARCO-SINDICALISTA

“Nós transportamos nos nossos corações um mundo novo”- Durruti



Associação Internacional dos Trabalhadores – Secção Portuguesa

TRABALHO TEMPORÁRIO: UMA NOVA FORMA DE EXPLORAÇÃO

Nas sociedades actuais em que o capital controla as nossas vidas surgem novas formas de exploração dos trabalhadores. O trabalho temporário é um dos exemplos de precariedade laboral que está a aumentar desmesuradamente, havendo já quase 20% de trabalhadores com contratos a prazo em Portugal, segundo dados do INE, percentagem que é apenas ultrapassada na UE pela Polónia e pela Espanha. Ainda segundo o INE, no ano de 2005, o total de precários juntamente com os desempregados era já de 36,7% da população activa do país e este número continua a crescer...

Os contratos temporários chegam a ser de apenas um mês ou de uma semana, porém, devido ao desemprego e para sobreviver, são várias as pessoas que se submetem a estas condições, enfrentando um clima de grande instabilidade. Com este tipo de contratação as empresas têm maior facilidade em despedir os trabalhadores, nunca os efectivando e, desta forma, aumentando exponencialmente os seus lucros. Para além de viverem numa incerteza, os trabalhadores são ainda obrigados a aceitar baixos salários pois, na maior parte das vezes, os empregos temporários são conseguidos através de empresas que se dedicam exclusivamente à angariação de pessoal para cederem a outras entidades, apropriando-se de grande parte do ordenado. Só na região de Lisboa e Vale do Tejo, são já cerca de duzentas as empresas de trabalho temporário (tais como a Select, a Adecco, a Multipessoal, etc.) que se dedicam a comercializar trabalhadores para outras empresas.

As entidades patronais e o Estado, que não é mais do que o defensor das hostes capitalistas, defendem o trabalho temporário e também uma maior flexibilização das leis laborais para aumentar a “competitividade da economia portuguesa” e diminuir o desemprego. Isto só prova que o papel do Estado é o de beneficiar uma minoria de privilegiados, nem que para isso tenha de escravizar a classe trabalhadora.

A Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.) está este ano a fazer uma campanha internacional contra esta nova forma de precariedade laboral – o trabalho temporário. Assim, apelamos aos trabalhadores e trabalhadoras do mundo inteiro que unam as suas forças numa verdadeira luta contra o jugo do capital que é perpetuado por todas as formas de Estado. Começamos então a organizar-nos para a construção de uma nova sociedade, sem desigualdades sociais, porque a emancipação dos trabalhadores só poderá ser obra dos próprios trabalhadores.

**Contra o Estado e o Capital, Revolução Social!
Nem Estado nem patrão! Autogestão!**



REPRESSÃO POLICIAL EM MANIFESTAÇÃO ANTI-AUTORITÁRIA CONTRA O FASCISMO E O CAPITALISMO



No passado dia 25 de Abril, uma manifestação convocada por uma plataforma de grupos anti-autoritários e anarquistas percorreu as ruas da Baixa de Lisboa em protesto contra a sociedade autoritária, contra o fascismo e o capitalismo. A manifestação teve início pelas 18 horas na Praça da Figueira, onde, enquanto terminava a romaria comemorativa no Rossio, se reuniram cerca de 200 manifestantes. Depois percorreu a Praça D. Pedro IV, a Rua do Carmo e a Rua Garrett, até ao Largo Camões, sempre reunindo mais manifestantes, que no fim do percurso já seriam cerca de 500.

(continua na pág. seguinte)



Repressão policial em manifestação anti-autoritária contra o fascismo e o capitalismo

(continuação da página anterior)

Parte dos manifestantes decidiu voltar a descer a Rua Garrett em direcção à Baixa, mas na Rua do Carmo dois contingentes de elementos do Corpo de Intervenção da PSP cercaram os manifestantes e, sem qualquer ordem de dispersão, começaram a agredi-los à bastonada. A repressão da manifestação pela polícia foi brutal e indiscriminada, tendo por resultado muitos manifestantes com ferimentos, alguns dos quais tiveram de receber tratamento hospitalar. Onze pessoas foram detidas e levadas para a esquadra da 1ª Divisão da PSP, em frente da qual se concentrou um grupo de pessoas solidárias com os detidos. No dia seguinte, os manifestantes

presos foram presentes ao Tribunal de Instrução Criminal de onde saíram ao fim do dia.

A PSP justificou a repressão desmedida com alegados actos de vandalismo, furtos em lojas e agressões a transeuntes que teriam sido protagonizados pelos manifestantes. Completaram o quadro, que ofereceram aos *media* sedentos de notícias, com a alegada apreensão de 23 barras de ferro, 21 barras de madeira, 3 cocktails molotov e material com “simbologia anarco-libertária”. Na verdade, os actos de vandalismo limitaram-se a pinturas nas paredes e arremesso de bombinhas de tinta contra as montras, as barras de ferro e madeira eram os cabos das

bandeiras e foram utilizados por alguns manifestantes como forma de autodefesa contra a agressão policial, e quanto a cocktails molotov nem vê-los.

Talvez a repressão policial e a desinformação mediática sobre a manifestação sejam a prova mais clara de que esta realmente incomodou, ao estragar os democraticamente rotineiros festejos de 25 de Abril com palavras de ordem gritadas bem alto contra o Estado, o Capital e toda a autoridade. Aguarda-se agora o seguimento do processo, que poderá vir a resultar no julgamento dos companheiros detidos. A nossa solidariedade com os mesmos é essencial e necessária.

Violência e racismo policial na Arrentela

A Khapaz – Associação Cultural de Jovens Afro-descendentes, com sede na Arrentela, emitiu em Março um comunicado em que demonstra o seu «descontentamento em relação à actuação da Polícia de Segurança Pública do Seixal que, ultimamente, tem mostrado o maior desprezo e desrespeito pelos direitos humanos, e pelos direitos fundamentais dos cidadãos» nomeadamente contra os «jovens de origem africana contra os quais têm tido uma conduta agressiva e racista que ultrapassa as suas funções».

Desde o início do ano, «tem-se verificado um aumento substancial do número de casos de abuso de autoridade e de brutalidade policial por parte dos agentes da PSP do Seixal, que só por si já eram elevados, mas que agora se tornam rotineiros e insuportáveis. Colocam os cidadãos acima referidos numa situação “infra-humana” e instalam um clima de terror social nos bairros da Quinta da Boa-Hora e Quinta do Cabral». Têm sido frequentes as intervenções policiais violentas contra os habitantes dos bairros, as rusgas sem mandato judicial

e os insultos racistas por parte da polícia contra jovens negros.

A associação denuncia a impunidade policial e argumenta que não é possível falar de “paz social” enquanto «não só na Arrentela mas em vários bairros da Margem Sul e de Lisboa a polícia “faz o que quer”, na sombra dos mesmos jornalistas que não hesitaram em publicitar um “arrastão”, mas para quem a agressão de jovens negros por parte da polícia não é digno de notícia. Impunes ou até protegidos, os agentes da polícia têm o caminho livre para continuar».

BCP aumenta lucros

Os lucros do Banco Millenium BCP cresceram em 780 milhões de euros no ano passado, sendo que a margem financeira (o dinheiro total que os bancos podem utilizar para fazer mais dinheiro) é agora de 1.4 mil milhões de euros, com um produto bancário total de

2.7 mil milhões de euros! As comissões cobradas aos clientes (uma das mais importantes fontes de receita por parte da Banca) saldaram-se em 702 milhões de euros, ou seja, quase a totalidade dos lucros alcançados o ano transacto. Se o governo diz que a OTA vai custar

1000 milhões de euros, se os lucros de um só banco em Portugal rendem mais de 780 milhões, a suposta “crise” não existirá somente na demagogia democrática do discurso político?

Portugal tem a maior taxa de desemprego dos últimos 20 anos

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, a taxa de desemprego voltou a subir no primeiro trimestre de 2007, para 8,4 por cento, o valor mais alto desde 1986. Os jovens até aos 24 anos são os mais afectados com uma taxa de desemprego de 18,1 por cento.

Estes números devem-se, em grande medida, ao fecho de multinacionais que continuam a deslocalizar fábricas para a Europa de Leste, onde podem pagar salários bem mais baixos. É, por exemplo, o caso da fábrica de cablagens para o sector automóvel da Yakasi Saltano em Ovar, que encerrou em Janeiro com o despedimento de 428 trabalhadores, para mudar as suas actividades para a Bulgária. Também a Alcoa Fujikura decidiu mudar a produção para a Hungria, encerrando a sua fábrica do Seixal e pondo 480 trabalhadores na rua. Para este ano estão previstos mais encerramentos, como o da Johnson Control de Nelas, que fecha as portas em Julho, ou a Lear Corporation que, depois de em 2005 ter encerrado a fábrica da Póvoa de Lanhoso que empregava 800 trabalhadores, se prepara para fechar a fábrica de Valongo deslocando a sua produção também para Leste. Também os 1300 trabalhadores da fábrica de calçado da Rodhe em Santa Maria da Feira têm os seus postos de trabalho ameaçados.

Trabalhadores ameaçados com despedimento por recusarem turnos de 12 horas

Os funcionários da empresa de semicondutores Qimonda, de Vila do Conde, manifestaram-se contra a ameaça de despedimento colectivo dos 60 trabalhadores que se recusam a fazer turnos com 12 horas e 15 minutos de duração (incluindo pausa). Apesar de um estudo da empresa sobre o impacto deste horário de trabalho apontar "para o surgimento de doenças do foro psicológico, baixas médicas e a desintegração da vida familiar", a empresa parece ter preferido seguir a parte do estudo que indica que "esse horário de trabalho permite mais lucro" (Público, 17/05/2007). Eis o estado em que estão os "direitos" dos trabalhadores em Portugal.

Remunerações dos administradores das empresas cotadas na bolsa triplicaram

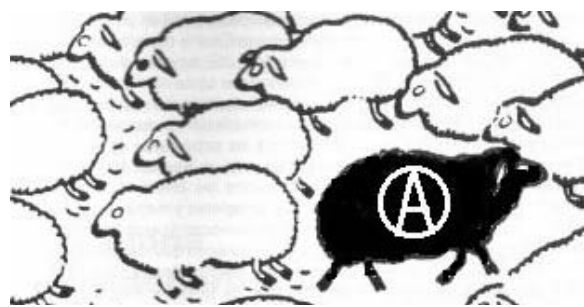
De acordo com um estudo da Comissão do Mercado de Valores Mobiliários (CMVM), cada comissão executiva das empresas cotadas na Bolsa de Lisboa ganhou, em média, 3,5 milhões de euros em 2005, mais do dobro que em 2000. No caso das 20 maiores empresas cotadas no mercado, o aumento no mesmo período chegou mesmo aos 300 por cento. As comissões executivas são constituídas normalmente por cinco a sete elementos, pelo que a remuneração média de cada administrador chega a ultrapassar o meio milhão de euros. O caso da holding cimenteira Semapa é o mais gritante com cada um dos quatro administradores a auferir uma remuneração média anual de 4,4 milhões de euros em 2005 (cerca de 880 mil contos). Já no BCP, cada um dos administradores recebeu 3,5 milhões de euros em 2005. Segundo o mesmo estudo, as remunerações dos conselhos de administração ascendem a 23,9 por cento do lucro das empresas.

Lembramos que, no total da economia, o aumento salarial, no mesmo período (2000-2005) foi de 15,7 por cento e que o salário mensal bruto de um trabalhador médio português era, em 2005, de 620 euros (8680 anuais). A "crise", como habitualmente, só afecta os de baixo. Para quem ainda tinha dúvidas, fica bem claro para onde vão os "trocos" amealhados à custa da "contenção salarial".

Grito de Desobediência

Ó tu,
Que vives adormecido
No dia-a-dia,
Que te deixas levar pelos outros,
Pela vontade da maioria!
Que permites que te conduzam
E te digam como deves agir:
Quando te deves calar ou sorrir,
E que caminho deves seguir!
Por que razão te rebaixas?
TU, que tens a força e a vitalidade
Que mais ninguém tem,
Porque és ÚNICO e insubstituível!
E, mesmo assim,
Te deixas cegamente manipular,
Seguindo a multidão sem hesitar.
Ficas petrificado pela monotonia
E és, por fim, consumido pela apatia!
Faço-te então um apelo:
Larga o manto da autoridade
E sacode do teu corpo a obediência!
Junta-te a mim num grito de verdadeira
revolta
Por uma vida em LIBERDADE!

Ana Sofia



Despedimentos em massa na Ford

A multinacional norte-americana Ford prepara-se para suprimir 44.000 postos de trabalho e encerrar 16 fábricas um pouco por todo o mundo. O motivo avançado pela administração são os prejuízos verificados no ano passado (cerca de 9.700 milhões de euros), contudo a Ford propõe-se gastar praticamente esse mesmo valor (9000 milhões) numa reestruturação à custa de postos de trabalho. Vergonhosamente, o plano de "reestruturação", palavra técnica usada por governos e patronato para designar processos de despedimento, foi apelidado de "seguir em Frente" (Way Forward).

Greves na Airbus contra despedimentos

Os trabalhadores da multinacional francesa Airbus iniciaram no passado dia 6 de Março uma jornada de protestos, em várias cidades do país, contra o plano da empresa de despedir 10.000 trabalhadores e fechar 4.300 fábricas em França. Estas acções ocorreram igualmente em Inglaterra e Espanha, sendo que no caso das 3 fábricas sedeadas em Espanha mais de 3000 trabalhadores aderiram à greve.

Chile:

Rodrigo Cisterna Fernandez, trabalhador florestal, foi assassinado pelas forças policiais do Estado chileno, que tentaram quebrar uma greve na zona de ARAUCO

Os mais de 5.000 trabalhadores da empresa florestal chilena BOSQUES ARAUCO (propriedade de Anacleto Angelini), uma das maiores empresas do sector na América Latina, já no mês de Março tinham estado em greve nos dias 12, 13 e 14, exigindo melhores e mais seguras condições de trabalho e um aumento de 40% dos seus salários, que na grande maioria não ultrapassam o equivalente a 60 euros mensais.

Após mês e meio de luta e de negociações, a empresa cedeu na maioria das 23 reivindicações dos trabalhadores, mas em relação aos salários apenas acedeu a um mísero aumento de 4.5%, aumento desde logo recusado pelos grevistas, para mais tratando-se de uma empresa que em 2006 aumentou os seus lucros anuais em 41% relativamente ao ano anterior (619 milhões de dólares de lucro em 2006). Os trabalhadores da BOSQUES ARAUCO decidiram, então, continuar em greve, ilimitada, até à satisfação das suas reivindicações.

No dia 3 de Março, o governo chileno enviou as forças especiais da polícia contra os grevistas. Perante o ataque do aparato policial, Rodrigo Cisterna manobrou uma escavadora procurando bloquear o avanço da polícia, que de imediato abriu fogo sobre ele, tendo sido atingido mortalmente por três tiros. Este cobarde assassinato não impediu os trabalhadores florestais de continuar em greve, após uma enorme manifestação de pesar, e também de indignação e solidariedade, durante o funeral de Rodrigo Cisterna, ao qual acorreram cerca de 20.000 pessoas, das 30.000 que constituem a população local.

1º de Maio – a luta dos oprimidos

Nós não queremos a “festa do trabalho”! Estamos fartos das fantochadas dos cortejos encabeçados por gritos de algum reformista que entoa frases já gastas. Não temos motivos para comemorar. Não queremos festejar a miséria, o desemprego ou os meses sem receber. Não há razões para nos alegrarmos pelos magros

salários ou pelas más condições de trabalho. Por que razão haveríamos de celebrar os acidentes de trabalho, as discriminações de que são alvo os trabalhadores, os despedimentos sem qualquer justificação ou os contratos de uma semana?! Não queremos festejar os trabalhos monótonos e repetitivos que temos de aguentar durante anos a fio para sobreviver. Não vamos aplaudir a tirania e a exploração a que são sujeitos os trabalhadores de todo o mundo. Não nos queremos conformar! Recusamo-nos a aceitar uma vida inteira de precariedade, de instabilidade e de sacrifícios, enquanto os patrões se riem à nossa custa, bajulando a sua riqueza diante dos nossos olhos. Não suportamos mais a servidão, nem vamos agradecer as migalhinhas que os privilegiados nos deixam cair com promessas vãs de tempos melhores.

O que nós queremos é ser livres porque é a aspiração à liberdade que nos move diariamente e nos dá força para continuar a luta contra a exploração do homem pelo homem. Queremos ser nós a organizar o trabalho de acordo com as nossas necessidades reais, não com aquelas que inventam para nos distraírem com consumismos patéticos. Queremos deixar de lado os trabalhos inúteis, que só surgiram devido às novas exigências do Capital, e tornar rotativos os mais desagradáveis. Queremos poder mudar de actividade para que não estejamos anos e anos com a mesma tarefa. Enfim, queremos ter melhores condições de vida!

Não nos esqueçamos da luta dos trabalhadores de Chicago, em 1886, que deu origem ao 1º de Maio e queremos retomar a batalha por uma vida melhor, através da acção directa, sem intermediários nem representantes. Sabemos que somos capazes e que não há ninguém melhor para organizar o trabalho do que os próprios trabalhadores.

É preciso então que unamos as nossas forças individuais para combater sem medo os nossos opressores: o Estado e o Capital. Está na hora de fazer tremer os capitalistas do seu pedestal e obter pela luta a nossa emancipação. A semente da revolta está aí... é só preciso organizarmo-nos...

Ana Sofia



Toda a correspondência para o Boletim Anarco-Sindicalista deve ser enviada para:

Apartado 50029 / 1701 - 001 Lisboa / Portugal

E-mail: aitport@yahoo.com



Director e Proprietário: Paulo da Mota Capitão Ferreira
Sede legal: R. Cândido dos Reis, nº 121, 1º Dto. – Cacilhas
Tiragem: 300 exemplares
Nº de registo da publicação: 121176